

FLAVIO REIMAR

CLARA VERBENA

MA
91
3c

0031326/2003



L0000031329

REGISTRO SETORIAL
Seção Obras Raras
N.º 1019
Data 06/03/14

869
R363

CLARA VERBENA.

869.18

381

POEMA.

Handwritten notes and a purple rectangular stamp, possibly containing a date or library reference.

ORV
869.9
R353

(Flavio Reimar).

(Gentil Homem de Almeida Braga)

9

RIO DE JANEIRO

TYP. — PERSEVERANÇA — RUA DO HOSPICIO N. 91.

1866.

Dou á estampa os dous primeiros cantos d'este poema, que ainda não está concluido, para satisfazer exigencias de alguns amigos e como consulta ao gosto publico. Se forem bem recebidos, darei á conclusão maior pressa do que não daria no caso contrario ou se me não tivesse resolvido a fazer esta publicação parcial.

E' desnecessario dizer que este meu ensaio pertence á familia do — *Diablo mundo* — de Espronceda e de algumas composições do sempre lembrado Alfredo de Musset.

Consagro-o á memoria de Antonio Gonsalves Dias como um tributo ao seu talento e aos assignalados serviços, que prestou ás nossas letras.

FLAVIO REIMAR

Côrte, 19 de Julho de 1866.

À MEMORIA

DE

ANTONIO GONSALVES DIAS.

GONSALVES DIAS.

O halito de Deos tocou-lhe a fronte,
E lhe formou em torno uma corda:
Arco de luz no cimo de alto monte,
Beijo do genio dado em uma alma boa.
Feitura humilde, ao Creador defronte
Logo se poz, e um cantico resôa...
Era o poeta feito em um momento,
Grande no verbo e grande em pensamento.

Apostolo novo aos povos enviado,
Fallou sublime á gente americana,
Em phrase culta, em rythmo elevado
Como o cantor da raça luzitana.
A voz no tymbre puro e afinado
E' quasi angelical, mais do que humana;
Evangelho de amor e de poesia
Era o que a terra em sua voz ouvia.

De seu talento o vôo altivo e nobre
Liga ao presente as posteras idades,
E no passado um mundo elle descobre
Bello, rico de seiva e heroicidades.
Nada ao olhar do poeta o tempo encobre;
Dá vida a um povo morto, ergue cidades;
D'alma o sentir, do coração as dôres
Traduz em sons de perolas e flôres.

Soberbo evocador de um seculo extincto,
Eil-o do nada a vida levantando,
Luz na imaginação e o pincel tincto
Na côr, que o sol no céu nos mostra quando,
Roxo de um lado e d'outro azul retincto,
Mil caprichosas fórmãs desenhando,
Une os toques de alvura resplendente
Da opála ao brilho lacteo e transparente.

Foi-lhe dura a missão! Foi sacrificio,
Que elle soube cumprir com força e crença!
De confissão constante fez officio,
Cantou do coração a dôr immensa.
Trouxe consolação por beneficio
Aos que soffrem no amor e na descrença,
Rasgando o peito, e, novo pelicano,
Dando vida em seu sangue ao labio humano!

Fez em si mesmo a cruda autopsia
Da idéa e do sentir ainda em vida;
Em cada canto o coração gemia,
Em cada verso a alma era despida.
Nada occultou; a musa não mentia
Na voz da queixa extreme e dolorida,
No riso triste, no prazer de instantes,
Rapido gozo d'almas sempre amantes.

Privilegio do genio! em seus cantares
Fez mais nossa que sua a excelsa gloria
No culto expressa, em multiplos altares,
Que erguidos são no templo da memoria.
Se foi-lhe a vida um quadro de pezares,
Fica do vate a peregrina historia,
Pondo em relevo a desejada corôa
De um talento brilhante e uma alma boa.

E viveu, e cantou! no soffrimento
A propria inspiração deu-lhe amargura;
E' a luz, que o aclarava em pensamento,
Fez-lhe a sorte infeliz, aspera e dura.
A distincção do genio é um tormento;
A flôr da gloria é uma sombra escura;
Raio de amor na fronte ao escolhido,
E' um cantico d'anjos n'um gemido.

E até na morte a pallida desdita
De perto o acompanhou na ancía extrema;
Cantou-lhe uma canção triste, infinita
Nas afflicções de um gelido poema.
O mar ouviu-lhe uma oração bemdita...
Quem ha que não se enlute e que não gema,
Ouvindo o estertor de uma agonia
Suffocada no mar pela onda fria?!

Vêde-o no estreito esquiife abandonado,
Sem uma prece de amor na ultima hora!
Vêde o corpo na arêa sepultado,
E o branco alcyon da praia, que inda chora!
E o mar, cruel, resomna socegado
A' luz da tarde ou aos clarões da aurora,
Rindo ao fresco terral, ao frio vento,
Ao som de um triste e funebre lamento!

Dorme em paz na frieza do sudario,
Descansa agora da penosa lida!
Por ti do seculo nosso o enorme horario
Fez ouvir a pancada estremecida.
Do mar a profundez é o teu sacrario,
Guarda de uma existencia mui querida,
E o monumento erguido á tua gloria
Guardará de teus cantos a memoria.

—

CANTO I.

CANTO I.

Conheces o paiz onde as montanhas
Erguem o espirito a Deos em honra e pasmo,
Ora altar semelhando, ora peanhas
Ante ás quaes dos athêos morre o sarcasmo?
Zona do sul alpestre e maravilha
Onde a purpura de um rei se estende e brilha?

Alli do novo mundo a magestade
Na esculptura impera do granito,
Rugindo no fragor da tempestade
Um hymno ao ser dos seres infinito.
Conheces o paiz cuja belleza
Não encontra rival na natureza?

Throno ingente e plutonico formado
Em horas de vaidade e de capricho
Pelas convulsas mãos do increado
Entre o mar ondulante e o solo fixo.
Conheces paiz onde a neblina
Touca os valles de gaze humida e fina?

As serras vem morrer bem junto ás aguas,
Ora núas de espadao, ora envolvidas
Em verdes chailes, espumosas nagoas,
Mosqueadas de côres tão garridas.
Conheces o paiz onde o céo puro
E' sempre azul e rara vez escuro?

Alli desdobra o mar uma bahia
Vasta, linda, tranquilla; eden aberto
A's velas, que de Europa ou plaga fria
Procuram doce abrigo, agua ou concerto.
Conheces o paiz das brancas aves,
Que em bandos vôam languidas, suaves?

Por mar em fóra altivos se levantam
Picos, ilhas, rochedos de mil fórmas;
Sonhos de pedra, ao navegante encantam,
Dormem seccando ao sol medidas comas.
Conheces o paiz de ondas de lago,
Iroso ao vento sul, raivas no affago?

Por entre aquelles montes apparecem
Casas, palacios, templos, fortalezas;
Brilhos de cal e pedra, que esmorecem
Em frente ás naturaes, regias grandezas.
Conheces o paiz da pulmonia,
De arautos, passavantes, monarchia?

Hoje cidade immensa alli pompeia,
Rica de vicios, de virtudes rara,
Farta em carroças, de mendigos cheia,
Vaso enorme de lama e vida cara.
Conheces o paiz dos estadistas
Longos na audacia e myopes de vistas?

Houve n'esse lugar tabas famosas
De canoros selvagens, diz a historia;
Amores de indias frescas e viçosas,
Contos de duras guerras em memoria.
Conheces o paiz do parlamento,
De ministros de farda e sem talento?

Dizem que alli fermenta a actividade
De francos e saxonios em mistura
Unida á exquisita dualidade
D'homens de pelle branca e pelle escura.
Conheces o paiz onde ainda impera
A negra escravidão triste e severa?

A flora de seu campo é delicada,
Varia nas fórmas, no perfume e côres;
Recende esquiua a violeta amada
Entre a camelia e perigrinas flôres.
Conheces o paiz da *guarda urbana*,
Da estatua equestre em bronze soberana?

Vivem nos bailes as gentis meninas,
Sorrindo nos apertos do espartilho,
Sombras de pallidez nas feições finas;
Incapazes se quer de ter um filho.
Conheces o paiz onde uma valsa
Conduz á morte a noiva inda descalça?

Sulca o ferro carril ruas e praças
Onde outr'ora cresciam as aroeiras;
Com elle do sycambro as nuas graças
Vieram dar pudor ás brasileiras.
Conheces o paiz de Fabio e Numa,
Que do aroma luteccio se perfuma?

Do agio o phrenesi ergue a cabeça
No seio da corrupta cidade;
Aos homens do dinheiro ninguem peça
Fraco ou forte ceitil á orphandade.
Conheces o paiz da rede armada
A' bolsa, á boa fé, a tudo e a nada?

O foco do café alli se ostenta
E geme a agricultura nos horrores
De uma conta de juros, que arrebenta
Sempre em favor dos miseros crédores.
Conheces o paiz do Banco e notas,
Dia e noite a tremer das bancarotas?

Alli o imposto é dado aos empregados
Inteiro, sem fracções ás cousas uteis;
Recebem duplos, triplos ordenados
Massudos servidores muito inuteis.
Conheces o paiz dos dois marquezes,
Um—rei na paz, e o outro—nos arnezes?

Irmans de charidade, frades bentos
Trabalham por amor da santa igreja
Ou nos ocios e festas dos conventos,
Ou nas caldas da rubida cereja.
Conheces o paiz da hypocrisia,
De brancas abas, de estamenha esguia?

Pois bem; esse paiz é a scena augusta
Na qual se representa o meu poema.
Nem me diga o censor de fronte adusta
Que isto um drama não é... tollice extrema.
Posso dar-lhe este nome no baptismo,
E um outro e um novo, se ao poema chrismo.

Peço grande attenção. *Io soi* um bardo
Notavel de talento e de harmonia.
Transpira cynamomo e cheira a nardo
Minha angelica, pura e san poesia.
Astro soberbo do poetar moderno,
Dou-vos de festa e mimo este caderno.

Havia em Botafogo uma casinha
Escondida entre as copas do arvoredo.
Via-se o mar e os montes; á tardinha
Chegava-lhe á janella muito a medo
A dona, a fada, a rosa, o sonho lindo
D'aquelle amor de um velho, amor infindo.

Era Clara Verbena. Vinte e um annos
Encontravam na moça a gentileza
De airoso porte e uns olhos soberanos,
Cheios de luz, de graça e morbidesa.
Era formosa; branca ou se morena,
Dizer-vo-lo não sei. Clara Verbena

Não tinha de uma ingleza o jaspe frio,
Nem da hespanhola a tez fôska e rosada,
Não da franceza o affecto, e o ar sombrio
Da italiana bella apaixonada.
Era a magnolia aberta e recendente,
Modesta e viva em perfumoso ambiente.

Ninguem nunca lhe vio outro vestido,
Que não fosse cambraia branca e lisa;
Crespo o cabello em caracões mettido,
Botina escura, que o tapete alisa.
O extracto de verbena era o perfume
D'aquelle anjo-mulher, d'aquelle nume.

Seja o Aristarcho em paz; se a rima obriga
A por junto do aroma o deos latino,
Não fica menos certa da cantiga
A parelha final. O máo ensino
De meu mestre Musset poz-me o defeito,
Que me torna por vezes imperfeito.

Extracto de verbena! oh, como é grato
O producto da chimica franceza!
Que pura exhalção, que doce extracto,
Que sonhos nos faz ter! quanta grandesa
Nos lembra este perfume em tempos idos
Por gregos e romanos bem vividos!

Exprime nos effluvios a doçura
Da graça femil em mulher bella,
E a robustez da civica figura
Posta na rua ou praça ou na janella.
Era a verbena dos heróes a corôa
Nos tempos idos de virtude á tóa.

Fraqueza e hombridade em laço unidas,
Beijos de moça em horas socegadas,
Forte aperto de mão, vozes ouvidas
Em meio ás multidões muito agitadas.
Sello estreito, marcado, e lacre vivo
Da gloria e do que a amor vê-se captivo.

O sandalo é traidor; perturba o senso,
Enerva, gasta as forças, enlanguece;
Accende uma fogueira em luva ou lenço,
Depois aquelle incendio se amorteece.
Cruel mentira, o sandalo dá morte
Quando mais da volupia no transporte.

O resedá produz dôr de cabeça,
O mel inglez é doce em demasia;
Não ha quem não dormite e não padeça
Cheirando do jasmim a essencia fria.
A rosa é mui vulgar e o frangipana
Cansa, aborrece, irrita, aturde e engana.

O mais, que enfeita e alonga a extensa lista
D'extractos essenciaes, de aguas cheirosas,
Não vale que o passemos em revista,
Que lhe demos aqui menções honrosas.
A palma é da verbena; a gloria é d'esta,
Deosa do lar, dos bailes e da festa.

Era Clara o asseio, a graça e o gosto
De uma dona de casa cuidadosa;
Tudo quanto a cercava era composto
De esmero e luz e arte e amor e rosa.
Moveis, tapetes, vidros, douraduras,
Vasos finos, esplendidas figuras,

A sala, o gabinete, a estreita alcova,
O pateo, o corredor, jardim, dispensa,
Tudo andava mais limpo do que a escova,
Que nunca trabalhou; peço licença
Para nada dizer sobre a cozinha.
Na qual jámais pisou Clara, a rainha.

Era filha de um velho rico e austero,
Que militou no ardor da independencia;
Um dia quiz á espada dar desterro
E em outro quiz por termo á existencia.
Foi quando um dos heróes do Ypyranga
Cesar fez-se no paço e foi capanga

Na rua e nas esquinas. A lembrança
Da virtuosa esposa, que a seu lado
Nos peitos aleitava uma criança,
Menino grande e gordo, alvo e corado,
Suspendeu do bom velho a raiva crua,
Mudando o ardor do sol em luz da lua.

O menino morreu. Veio apoz elle,
Passados longos annos de intervallo,
Uma filha mimosa, linda, imbelle,
Nascida na abundancia e no regalo.
Feito o velho barão, era ricaço,
E do herdeiro do heróe servo no paço.

A mãe pouco viveu depois do parto;
O pai foi ama secca da menina;
Não lhe deixava o berço e no seu quarto
Deu mil provas de affecto á pequenina.
O berço fez-se altar; santa a criança,
Culto, religião, paz, esperanza.

Morto o primeiro e morta a boa esposa,
O velho concentrou do amor a essencia
No fraco ser, na delicada rosa,
Que Deos lhe deu nas azas da innocencia.
Vio-se moça a menina, e mãe e filha
Do velho, que achou n'ella a maravilha

De um amor de mulher insonte e pura,
Consortio grato de affeição sublime,
De respeitoso trato e de ventura,
Que a lingua humana fracamente exprime.
Angelico sentir, prova divina
Da luz celestial, que ao barro anima.

Eu tive um filho. A pallida doença
Deu-lhe morte afflictiva em longo aneio;
A convulsiva tosse em dôr extensa
Magro o levou dos anjos para o seio.
Perdida a côr, a carne, o vivo aspecto,
Nos meus braços o vi frio esqueleto.

Era bonito e bom. Louro cabelo
A fronte lhe enfeitava magestosa;
De boas proporções, de olhar tão bello,
De alva pelle rosada e tão mimosa!
Dormia em riso, e, despertado, o rosto
Jámais sombras mostrou de algum desgosto.

De seu rosto a viveza e a amenidade,
Tornavam-no querido a quem o via;
Gostava de brincar; na sua idade
O pungir da razão não existia.
Era o meu pequenino e attento amigo;
Ia, vinha, levava-me comsigo

Ao quarto, á sala, á varandinha interna,
A vê-lo refrescar-se na banheira,
Ouvir de seu prazer a voz mui terna
Chamando a mãe, a minha companheira.
Filho e mulher, dualidade angusta,
Ter-vos é ser feliz, perder-vos custa!

Um dia esta fortuna abandonou-me;
Um dia o meu sonhar foi perturbado;
Ao mundo um anjo máo veio e levou-me
O filho destes braços arrancado.
A mãe ficou para em seu pranto amar-me,
Ouvindo a minha queixa e consolar-me.

Eu e ella sózinhos então vimos
Criar-se em torno a nós vacuo sombrio.
Deixamos nosso lar; d'alli partimos,
Tendo no coração inverno e frio.
Voltamos ao que outr'ora céo aberto
Foi mudado em cruel, fundo deserto,

Depois que a voz soffrente da saudade
Nos disse que alli estava uma lembrança
Viva, constante, unida á suavidade
Da linda, meiga e pallida criança.
Deos vos preserve de perder o fructo
De um momento de amor. Pesado lucto

Vos ha de acompanhar nesta existencia,
Gotta á gotta expremendo o fel das dôres,
Sem tregoa, sem descanso e sem clemencia,
Sem um saibo melhor nos amargores.
Quanto custa perder um filho amado
Sabe-o só a mãe triste, e o pai calado.

Se meu filho vivesse, hoje crescido
Havia de elle estar, bonito e forte.
Vendo-o cedo morrer, tenho vivido
Ao fluctuar ephemero da sorte.
Lago estagnado em que não luz a estrella
Ridente e pura do céo, candida e bella.

E meu filho onde está? Qual o caminho
Porque a morte o levou? Qual é a esphera
Onde vive o meu anjo innocentinho,
A flôr da minha alegre primavera?
Dizem que está no céo dulias cantando,
E em roda ao Senhor Deos côro formando!

Na terra eu triste estou. Um dia ao menos
Irei vê-lo em espirito, nos ares
Vencendo a immensidão dos céos serenos
Até chegar aos ultimos altares.
Vê-lo, beijal-o, ouvil-o: esta esperança
Dá-me consolo, e o coração descansa.

Foi, ha tempos, escripta esta elegia
Em memoria do filho meu querido;
Desceu hoje a meu lar nova alegria,
Tenho do morto o irmão vivo e nascido.
Ergue a paternidade um canto ameno,
Tranquillo no sentir, ledó e sereno.

Tão semelhante ao outro, este memmo
Parece que voltou do céo, e á terra
Baixou como um estranho peregrino,
Que de patria melhor alguém desterra.
Transformação divina, maravilha
Da bondade de Deos, que eterna brilha.

Delle me separei passados dias
Depois que o vi nascer; serios deveres
Calaram por momento as harmonias
Do pai, que se divide entre dois seres,
Queridos ambos, igualmente amados,
Anjos na especie humana transformados.

Deixei-o a se aleitar, e vim sulcando
Verdes ondas do mar, fendendo as aguas;
De dia, á tarde e á noite recordando
O choro, que lhe ouvi, sentindo as magoas
Da triste ausencia, da saudade infinda
Por amor da criança meiga e linda.

Aquelle, que me o deu, deixe-o comigo
Viver vida feliz, extensa vida;
Deixe-o cerrar-me os olhos, no jazigo
Fazer-me a eterna e triste despedida.
Boa restituição, sê meu arrimo,
Desta existencia o gracioso mimo!

Em breve hei de te ver, hei de em meus braços
Cingir-te o corpo, a fronte te beijando
Cheio de amor, frequente nos abraços,
Enlevado em teu riso puro e brando.
Não tardes, oh fortuna; a volta apressa,
O tempo encurta que o prazer começa.

Em festejo da volta e nascimento
Deste dilecto filho dos amores
Uns versos traduzi, bello ornamento
Do berço em que elle dorme alvo de côres.
Grinalda pura e perfumada corôa,
O canto diz assim, n'alma resôa:...

« Acaba de nascer uma criança.
« No setim e na seda delicada
« Desde hoje de manhã vê-se deitada
« Esta de mãe e pai viva lembrança.
« Accorrem todos; cada um tremendo
« Sobre o berço enfeitado alli se inclina,
« Afim de ver a perola tão fina
« No engaste branco posta e já vivendo.

« Vai cada qual de leve alevantando
« Medrosamente as rendas primorosas.
« Cada um quer ver o anjo descansando,
« Anjo, que já não tem azas de rosas.
« Desejam ver dos beijos os dous ninhos,
« A mãozinha mimosa, alva e macia,
« Tambem desejam ver os dous pézinhos
« Orlados de unhas d'agatha sombria.

« E' como a hostia branco este menino ;
« Puro como a oração á Deos erguida.
« Vê-se ainda do azul o toque fino
« Na palpebra luzir-lhe adormecida.
« O olhar, virgem da luz, está tranquillo ;
« O coração isempto de agonias ;
« Amor hontem lhe deu profundo asylo,
« Da esperança amanhã paz, alegrias.

« E' semelhante em natureza ás flôres,
« Que só contém mysterio e só perfume.
« Prendem-no á terra umas ligeiras dôres
« Ouvidas do vagido no queixume.
« Faz-se branda a criança facilmente ;
« Diz-se-lhe uma palavra, se suspira,
« Quando acorda, se o beija docemente,
« Se dorme, um riso que de leve expira.

« Sabeis? Elle já diz mil e mil cousas
« No delicado anhelito da bocca,
« Leve sôpro de labios côr de rosas,
« Fraquinha exalação, linguagem pouca.
« Como encanta este verbo indefinivel
« De estranhos sons formado e não perfeito!
« Sómente é elle agora traduzivel
« Pelos anjos e a mãe, que o tem ao peito.

« Bom dia, fraco ser, cara existencia,
« Raio da chamma, que me alenta a vida!
« Beijo, que se fez carne, humana essencia,
« Almazinha innocente, alma querida.
« Futuro—denomina-te a esperanza,
« Futuro—sim, ledo baptismo é este.
« Mas teu nome não é senão lembrança,
« Por ella adoro-te eu, penhor celeste.

« Qualquer, porém, que seja o doce nome
« Porque sejas no mundo conhecido,
« Tua mãe já por ti soffre e se consomme,
« Criança agora e logo homem crescido.
« Não, não importa, vencedor mimoso:
« Vem ao mundo, entra nelle, cresce e vive.
« Ao lado do soffrer ha sempre um gozo
« E na humana especie o Creador revive. »

*

Prosigo a narração. Este incidente
Mui ligeiro passou, qual nuvemzinha,
Que se espalha nas fimbrias do occidente,
E fraca e tenue pelos céos caminha!
Volto-me á gentil Clara; e o meu poema
Navega em mar de riso, voga e rema.

O bom velho barão teve o cuidado
De chamar miss Spocken, seria ingleza,
Para educar a filha em casa e ao lado
Delle, que era de estirpe portugueza,
Austero, acautelado e prevenido
Contra os erros do seculo corrompido.

Facil comprehensão, talento vasto
Eram dons naturaes da pequenina
Clara, travessa e viva e modo casto,
Sem que affectado fosse na menina.
Tudo aprendeu depressa e aos treze annos
Citava os mestres gregos e romanos.

Era Stael na prosa e na poesia
George Sand muito á esquerda lhe ficava;
Cantava como a Linde; a melodia
De sua voz purissima encantava.
No piano Thalberg; n'harpa gementê
Rival não encontrava, ella sómente.

Fallava as linguas vivas mais da moda
Com tal pureza e verdadeiro accento,
Que ao certo Mezzofante andára á roda,
Ouvindo em tal idade um tal portento.
No desenho era Giotto; e na pintura
Sobre Rubens se achava em mór altura.

Nunca os passos moveu que horror á danza
Era da sabia ingleza o brasão fero,
E o velho contra a walsa e a contradansa
Longos sermões fazia em tom severo.
Regra sem excepção não, não existe
Desde que houve o peccado de Adão triste.

Mas a danza o que exprime? uma loucura
De nós outros mortaes, bonecos feitos
Nos volteios da polka e na figura
De uma quadrilha em gyros contrafeitos.
Miss Spoken sabia o que era o mundo,
Votando á Therpsicóre horror profundo.

Offende-se ao pudor na doida walsa,
Dão-se apertos no abraço da shottisse;
Incha a roda o balão, e mostra a calça
A donzella pudica; oh, que doudice!
Fóra dô templo o dansador de polkas,
Longe de um povo sério, usanças loucas!

Bem se póde viver sem dança ou baile,
Mal se póde existir com elle ou ella;
Quem se quer divertir, componha o chaile,
Se casada, e passeie, e se donzella,
Em frente ao toucador orne o cabelo,
Ensaie um riso e ponha o rosto bello.

Gloria ao barão, saude á miss Spocken
Pelos odios votados á quadrilha!
E' sem duvida máo que os homens toquem
Nas mãos e na cintura de uma filha,
Fallando-lhe de amor juncto do ouvido
Em tom falso, estudado, audaz, mentido.

Passada a infancia e vindo a puberdade,
Clara sentio em si grave mudança,
Vagos receios, toques de anciedade,
Rubor febril nas faces de criança.
Um novo mundo abrio-se; a virgem bella
Corou deixando a alcova, indo á janella.

O olhar de luz se encheu profunda e doce,
Do rosto se augmentou a formosura,
Do airoso porte a elegancia trouxe
Novo encanto á belleza da figura.
A voz tornou-se canto, e a mocidade
Envolveu-a n'um véo de castidade.

Formosa transicção! solemnes vozes
Começam de se erguer do amor no anhelos;
Desejos maternas abrem velozes
As cortinas do berço insonte e bello.
Amor e dôr, prazeres e tristeza,
Augusta lei da sabia natureza!

Mas, da infancia o descuido vai perdido,
Nem mais se volve a folha do passado!
Só nos fica a lembrança; o pó do olvido
Não póde ser no espirito açamado.
Não fosse antes assim! o esquecimento
Nos déra melhor paz, menor tormento!

Educada a menina e moça feita,
Miss Spocken voltou á Escossia fria.
Clara ficou em lagrimas desfeita,
Perdendo aquella antiga companhia.
Dura separação, ausencia triste!
Minha musa aos pezares não resiste!

Eis-me posto a chorar; lagrima sancta
Banha meus olhos de agua crystallina,
Correndo *ex-abundantia* tanta e tanta,
Cheia de calcio, sodio e de alumina!
Quem acrédita que da dôr o extracto
Possue por base o grego hydrochlorato?

Tudo se fórma assim; carbono escuro
Gera um fóco de luz resplandecente;
Compõe-se de veneno o ar mais puro,
De ferro e de nickel o astro cadente.
O proprio amor provém de um máo desejo,
Que é... fraco e bom irmão do casto pejo.

Cuidado, oh, esto livre; não prosigas
Neste caminho lubrico da ideia;
Devem ser innocentes as cantigas
De quem do sério pudor se aformoseia.
Amor é simples luz, que nos aclara,
Mystica, essencial, candida e rara.

Miss Spoken partio. Clara Verbena
Pedio ao pai que visse em Botafogo
Uma elegante casa, alva e pequena,
Comprando-a a qualquer preço logo e logo.
Quiz deixar o bom prédio da cidade,
Indo viver em paz e soledade.

Caprichos de afeição; pobre Clarinha!
Não teve mãe e amou uma estrangeira,
Que lhe foi boa amiga, e que sózinha,
Da infancia acompanhou-a á primavera.
Sim, linda moça, a gratidão celeste
As almas como a tua adorna e veste.

Naquelle da saudade ameno exilio
O tempo estendeu azas bemeitoras;
Leve consolo d'alma no martyrio
Balsamo sancto derramou nas horas
Em que mais viva a dôr, menos piedosa
Curvava a fronte pallida chorosa.

Do mundo externo a placidez constante
Actúa sobre nós; do mar o espelho,
O azul do monte proximo ou distante
Acalma a inquietação, dá-nos conselho,
Captiva o pensamento, e um canto lindo
Ergue-se em honra do poder infindo!

Poder que em tudo está. Do pantheismo
Sustento a verdadeira e sã doutrina,
Propondo que se espanque o mysticismo,
Erro que a Sancta Igreja impõe e ensina.
Vós, theístas ignaros, ide emb' hora
Pregando o canon vosso em voz sonora.

O seculo não vos crê. Quando o petroleo,
E o kerosene, e o gaz, e o fogo andejo
Na terra e mar, e o repentino embroglio
Da luz e do carvão no mundo eu vejo,
Não posso acreditar que um Deos sózinho
Dirija o globo em tanto desalinho.

.
.
.
.
.
.
Com dourada mobilia, cassa e seda,
Espelhos, flores, alcatifa e quadros,
Repuchos no jardim, marmorea pedra,
Candelabros, crystaes, papeis pintados,
Clara formou um Eden delicioso
N'aquelle ninho humano assaz formoso!

Ninguem algum rumor na casa ouvia;
O pai e a filha do silencio amantes
Sempre viveram sós; de dia em dia
Diminuindo a flux dos visitantes.
Prudente proceder! muitas desditas
Provem das relações de taes visitas.

Quanto enredo se trama tão depressa
No simples conversar de alcova ou sala!
A intriga irrita o sangue; e da cabeça
Perdida a calma vai-se e a raiva estala.
Rompem-se relações; n'um só instante
Desfaz velha amisade o intrigante.

Os costumes de Clara eram modestos;
De hynverno ou de verão se erguia cedo.
Menos de uma hora dava aos seus aprestos
De roupa e de penteado. Eu não concedo
A qualquer moça mais prestesa para
Os ocios do toucador. Amavel Clara,

N'esta que faço descripção mimosa
De tua mansidão, de teus costumes,
Transformado me sinto em mariposa,
Que, depois de inhalar gratos perfumes,
Procura a luz vivaz, que lhe dá morte
Do mais doce volteio no transporte.

Tu és a luz e eu sou a borboleta;
Tu me queres queimar, beijar-te quero;
Tens o casto existir de uma violeta,
Eu nos modos imito o coleoptero.
Affasta-te do amor, Clara Verbena;
Resguarda-te do insecto, sob pena,

Se o não fizeres, de perder a calma
Do socegado goso em que ora existes,
De ver posta a afflicção no peito e n'alma,
Mudada esta alegria em dias tristes.
Não, não turbe de amor a desventura
A flôr da paz, que tens n'alma tão pura!

Amor, joven Clarinha, é soffrimento;
Ancia de Prometteu sobre o rochedo;
Fome de Tantalo; barbaro tormento;
Da mancinella negra o aroma tredo.
Assim define amor o romantismo,
E na estrophe seguinte o clacissismo.

Amor, cego menino, atira setas;
E' a espada de Dido; é a fogueira
Do forte Alcides; de Dallila as petas
Com que poz a Sansão sem cabelleira.
Não vejo differença; é mais prudente
Suppor que amor foi sempre chamma ardente.

Se ninguem me pediu que definisse
O sentimento humano mais querido,
Porque defino-o eu? Concordo; eu disse
A' joven Clara que cerrasse o ouvido
A' perfidia do insecto, que rasteja,
E á luz do sol contente se espanjea.

Dado o conselho, nada mais devêra
Ser posto na sextilha escripta adiante.
Mas, a vaidade disse-me que eu era
Poeta jovial, vate galante.
Não me soube vencer e quiz dar provas
De que é possível ainda cousas novas.

Escrever a respeito da scentelha,
Que um corpo de mulher crêa e despede,
A menos que não seja feia e velha
Mumia de pelle e osso na parede.
O museu nacional deu-me esta imagem;
Grato lhe sou e rendo-lhe homenagem

Por me ter posto de parede a rima
Naturalmente ao cabo do quarteto,
Quando o crêa e despede alli de cima
Tinha paralisado este poemetto.
Sombras do Burlamaqui, eu vos saúdo,
E o rumo ao estro livre inverto e mudo!

Depois que se vestia e se penteava,
Clara buscava o pai, dava-lhe uns beijos.
Antes do almoço estudos solfejava,
Tocava piano e dedilhava harpejos.
O velho em uma cadeira de balanço
Ouvia a filha entregue a seu descanso.

Depois do almoço conversavam ambos,
Indo ao jardim colher mimosas flôres.
Pouco antes do jantar fructos e jambos
Comiam vindos do Norte nos vapores.
Era superfluo gasto; Clara tinha
Lembranças dos romanos na cozinha.

Assim era que ás vezes desejava
Comer pavões, colibris, mel do Hymetho
De baunilha aromado, e a grega fava
Hoje tão rara como o cysne preto.
Eis de Tacito ou Livio o grave ensino
Dado nas aulas a qualquer menino.

Concluido o jantar, ambos soiam
Esperar o café sentados fóra,
D'onde os montes e o mar risonhos viam
A' luz da tarde, que esmorece e doura
A penedia alpestre e o golpho manso,
Que alli se estende em flacido remanso.

Quando as sombras da noite se espalhavam
Sobre a terra tristonha ao adeos do dia,
Sons divinos na sala resoavam,
Linda, agradavel, pura melodia!
Clara cantava e o velho na leitura
Queixava-se da luz, da vista escura.

Ahi vinha o chá; e o velho bocejando
Tomava o guardanapo e um pão comia,
Emquanto a filha, o bule despejando,
Uma por uma as chavenas enchia.
Ella e elle bebiam mansamente
O liquido chinez ainda quente.

Depois iam dormir. Desta maneira
Dou por findo este canto. E' tempo agora
De reler o que fiz. A lisongeira
Voz do leitor, que os versos meus decora,
Parece que me anima e me convida
A proseguir de Clara a historia fida.

CANTO II.

CANTO II.

Quem nunca viu Petropolis não sabe
O que é ver neste mundo um lugar bello!
Aos toques da gentil rainha Mabe
Mudou-se ali em pedra o escarvello.
O corpo é uma cidade e as pernas feias
Ficaram sendo d'agua claras veias.

Lá no cimo das rochas sobranceiras
Do louro Harminio a prole industriosa
Faz do leite manteiga e de madeiras
Bengalas com castão folhas de rosa.
Feliz transplantação de activa raça,
Concedo-te um sorrir cheio de graça!

Quanto rosto allemão de asues olhares,
Quanto corpo redondo e que cinturas!
Quanto amor, apesar dos meus pesares,
Não se esperdiça em grossas formosuras
De pés sem meias, de vestido esguio,
De vivas cores no rigor do estio!

Como é soberba a penedia augusta,
Como as nuvens se abatem por beija-la!
Como o espirito hesita e quanto custa
(Lembrei-me, oh, louro Harminio, da bengala,
Que ás filhas eu comprei da mãe Theresa!)
Em versos exprimir tanta belleza!

De Guanabara as águas soçegadas
Servem de argentea base ás cordilheiras,
De varias, lindas ilhas salpicadas,
Umás rasas no mar, outras fragueiras.
Sombras de chãmalote em seda lisa
Quando sopra do sul placida brisa.

Percorre-as o vapor, que vos transporta
Até onde começa a ferrea estrada.
De bilhete na mão entráis a porta
Do commodo wagon sem almofada.
Silva o canudo; e a machina de fogo
Jungida ao trem se move e parte logo.

Ao deixar o wagon tomais um carro
Por bestas ou cavallos conduzido;
No subir a montanha em ar bisarro
O cocheiro parece embravecido,
Olhando o zig-zag do caminho
E do chicote as pontas sacudindo.

Chegais alfim! mas eu, que não suspiro
Por ver de serra á cima o ceu d'hynverno,
Em casa um ar balsamico respiro,
Sorrindo-me de Orpheu levado ao inferno.
Prodigios do Alcazar! recorde ameno
D'aquelle de Plutão retiro, *bueno!*

Ao pe da Stygia fonte poz a empresa
Tres scenarios de amor, festa e mysterio.
Recebem todos tres luz de belleza,
Dardejam raios do clarão siderio.
N'elles—camelias; nas cadeiras—flôres
De vestido e chapeo, de riso e amores.

On entre, on fume, on parle á sa voisine;
Bon soir, Lareine, et vous cher ma mignone!
On voit Jenny, la belle, que chemine
Lá haut! Bravo, bravo, Aimée frissonne!
Bonito; bis; assim! grita a plateia
Em forte arroubo e de fumaça cheia.

O proprio pai de Clara algumas vezes,
Esquecendo o rigor dos seus costumes,
Foi tomar uma *stalle* entre os freguezes
Do theatro francez, que brilha aos lumes
Dos seductores olhos de umas filhas,
Que se envolvem nas rendas das mantilhas.

Mas, alli collocado o barão grave,
Qual flôr de nenuphar em lago impuro,
Mantinha-se innocente! não se aggrave
Do amigo militar, homem maduro,
A natural vergonha no que digo
Seriamente a pensar a sós comigo.

A mentira covarde era o peccado
Do velhó quando á casa em seu regresso
Chegava arrependido e envergonhado
Por ter tido um desvio. Eu não conheço
Maior castigo á faltas do que seja
A vergonha cruel de quem deseja

Encobrir na mentira o erro havido.
A chamma do pudor vos queima o rosto;
Ficais mudo e sisudo e arrependido
Por haverdes vos dado um tal desgosto.
Quando foi sabia a natureza em dar-nos
Juiz na propria rasão para julgar-nos!

Ha nas grandes cidades febre intensa
De luxo louco e de prazer insano.
O rei cansaço e sua alteza a doença,
Tristes no leito á voz do desenganho,
São companheiros certos dos prazeres,
Bailes, theatros, jogos e mulheres.

Vasos cheios de flôr, de lia immunda,
Ornados de uma estampa funeraria,
Suor constante o corpo lhes inunda,
Nellas o esgoto é veia necessaria!
Arfam, movem-se em ancias doloridas,
De um cancro estranho presas e feridas.

Tambem nellas se encontra um fresco oasis,
Boas sombras de amor, paz no trabalho,
Festas do coração, gozos capazes
Dê a vida vos banhar no puro orvalho,
Que da familia o anjo crêa e lança
Gotta a gotta nas azas da esperanza.

Esta febre e esta paz são muito antigas;
Na Grecia, em Roma e na feliz Judéa
De amores nús as fervidas cantigas
Soaram nos delirios de uma ceia.
Oleos, incensos, vinhos e capellas,
Ebrios corpos das que. foram donzellas.

Ao sol ardente as sombras do Ceramico
Timidos ais e languidos gemidos
Ouviram despertando o ar balsamico,
Que dormia nos platanos floridos.
Por causa de hetairas sedutoras
Fortunas se perderam em poucas horas.

Socrates cortejava a Aspasia bella;
As Phrinés e Lais em seus regaços
Recebiam sem pejo e sem cautella
Aos homens do poder, nobres devassos.
Em Nauplia, em Chio, em Chypre ou em Megara
Jámais do rico a bolsa foi avara.

Lacio, Lacio viril, qual o propheta
Que sonhar soube o putrido destino
De tua prole em vicios inquieta
A' luz da praça e á noite do triclino?
Quem jámais pôde crêr que á deusa Egera
Perdida e torpe Claudia succedêra?

E vós, Judéa sancta!... eu vos respeito
Nas crenças do Talmud, na de Magdala
Filha do vosso amor, mulher do leito,
Que do tempo atravez perfume exhala;
Nos velhos, presos de paixão vesana,
Espreitando no banho a mãe Susanna.

Penelope fiava em quanto Ulisses
Dava de astucia provas aos troyanos;
Fazia com as criadas gulodices
D'ovos e mel nos paços soberanos.
Viveu mansa apesar dos pretendentes,
Que todos foram gregos insolentes.

Tranquillo o gyneceu viu as matronas
A' mesa postas com recato immenso,
Graves no porte e nas maneiras donas
De casa, de virtudes, de bom senso.
Aos filhos davam leite e a seus maridos
Roupa engommada e pães mui bem cosidos.

Do povo eleito a vida em casa ou tenda
Quanto exemplo agradavel nos off'rece!
Nem sequer dos ciumes a contenda,
Que a começar de Othello em furor cresce!
Sara viu em silencio a Agar querida
Do patriarcha Abrahão, barba comprida.

Este quadro traçado á luz da historia
Nos obriga a pensar sobre os destinos
Da humana grey, que é sempre ou vil escoria
Depositada em vasos crystallinos,
Ou sobre flôres delicada espuma,
Que da essencia de rosas se perfuma!

Lamento a humanidade em seus desvios,
Adoro-a da bondade á luz fagueira,
Que divinisa a especie, e dos sombrios
Cantos de amor em noite prasenteira
Faz hymnos de perdão, desculpa, esquece
O erro do que ao vicio encomios tece.

Bondade! quem não te ama e não procura
Mostrar-te em si risonha e tão querida!
Gosar á sombra tua da ventura,
Que encerra e exprime o bem de nossa vida!
Inhalar teu aroma e em beijo amigo
Tornar-se amante e se abraçar contigo!

Mas, que é feito de Clara? onde está ella,
N'este canto esquecida, em abandono?
Deixei-a olhando o mar posta á janella
Em noite de luar triste e sem somno.
Scismava; em que? tremia; qual a ideia
Que n'alma lhe morava? porque aneia

Da moça o collo assetinado e bello?
Porque pende a cabeça e a fronte inclina?
Porque tem a mãozinha entre o cabello,
E o pranto inunda os olhos da menina?
Suspira; qual a causa? O soffrimento
Turbou-lhe acaso a paz do pensamento?

Lembrou-se de ter vindo ao mundo um dia
Em hora tão cruel, tão desditosa,
Que, momentos depois, convulsa e fria
Ficou defuncta de seu pai a esposa!
— Mãe, porque não morri, dando-vos vida,
Eu, uma larva em sangue, uma perdida:

Esperança de ser? Eu nada fôra,
Nem flôr que ao sol definha e o aroma perde,
Nem a nevoa mais branca á luz da aurora,
Que ameiga as côres da campina verde!
Estas phrases lhe ouvi, e ao seu lamento
Casou-se triste o suspirar do vento!

Tece o bicho da seda a pouco e pouco,
Das entranhas tirando a prata em fio,
Um casulo alongado, rico e ôco,
No qual se esconde exausto e doentio.
Morre ou mata-o da industria a agua fervente
Depois da gestação funda e latente.

Quando o não mata a industria, sahem d'elle,
Batendo as azas, vividos insectos,
Do casulo rompendo o corpo e a pelle,
Dura e lisa nos fios quasi pretos.
De amor a febre os toma; e a morte em flôres
E' a phase final dos seus amores.

A's vezes da mulher a vida imita
Este existir do bombyx sedoso;
Amor, prazer, trabalho e a morte afflicta,
No fim da gestação como repouso.
Morre com a larva em si ou a deita fóra
No delirio infeliz da extrema hora.

Tu, que lamentas de tua mãe a morte,
Clara, chorosa e boa a sós pensando,
Não tenhas, não, do bombyx a sorte,
Quando a vida nos dá morte lhe dando.
Passa no mundo, flôr, sem que tua alma
Perca de amor na febre a doce calma.

Ouve; uma tarde a suspirosa aragem,
Trazendo na aza leve uma cantiga,
Parou juncto de ti, e á tua imagem
Hymnos poz-se a cantar em voz amiga.
Disse, tu vás ouvi-la, esta verdade
Expressa á luz da crença e castidade.

» Póde a virgem colhêr duas capellas,
« Irmans na fórma, no tamanho iguaes;
« Uma de flôres recedentes, bellas,
« Outra cheia de raios divinaes.
« As flôres da primeira, se esfolhando,
« Encantos perdem, meigo viço e côr;
« Mas os raios da outra, scintillando,
« Nada perdem no brilho e resplendor.

« A fronte vergonhosa orna a primeira
« Da noiva, que procura a luz do altar;
« A segunda, porém, a verdadeira,
« Mais alta fronte vai por certo ornar.
« Uma cinge de Ophelia a louca testa,
« Leva comsigo a desventura e a dôr;
« A outra mais feliz, menos modesta,
« Cinge a fronte de Laura ou de Leonor.

« Esfolha-se a primeira e apenas dura
« Um só momento, uma hora, um dia ao mais;
« Promette os risos de fallaz ventura,
« Dá por troca do amor languidos ais.
« Eterna é a segunda, e, sempre bella,
« Dos annos no passar dobra o fulgor,
« Vida e brilho pleitêa á linda estrella,
» Oppõe-se, ella creada, ao Creador.

« Uma é feita de flôres recedentes,
« De aromas não da terra e sim do céo;
« Outra fulge de luzes resplendentes,
« Das glorias em que amor palmas colheu.
« Uma é cheia de riso e de ambrosia,
« Mas, infausta, definha como a flôr;
« Outra, porém, corôa de poesia,
« Recorda ao mundo um sempiterno amor.

« Não vos dera a primeira; eu, não, senhora;
« E' mentido o prazer que ella conduz.
« Se um dia refulgio, logo descora,
« Perdendo o brilho que tão bem seduz.
« Dar-vos-hia a segunda, se em minha alma
« Ardesse a luz do genio ou luz melhor,
« Se Deos me houvesse dado a rica palma
« Da sancta inspiração, do sancto amor.

« Se a centelha divina em minha fronte
« Accessa fôra sempre a resplender
« Como um raio do sol n'um alto monte
« Ao vir do dia a luz, do sol o erguer;
« Se no meu canto houvesse a melodia,
« Que o Senhor a bem poucos concedeu,
« Dera-vos eu a corôa de poesia,
« Tecida por mãos d'anjos lá no céo. »

Deixa que eu só te adore! os meus amores,
Como a criança em risos innocente,
Só poderão levar mimosas flôres
Ao tapete do leito em que contente
Dormes á noite em sonhos socegada
Por teu anjo da guarda acompanhada!

Nós outros, nós, poetas, só podemos
Vencer do tempo a acção destruidora
Quando de amor nos candidos extremos
Ergue-se um canto áquella, que se adora.
Guarda o verso a memoria da belleza;
Crêa um novo poder na natureza.

Já me ouviste uma vez: era no inverno;
Na sala humida e fria aos sons do piano
Eu recitei uns versos, manso e terno,
De meu amor quebrando o antigo arcano.
Teu pai ouvia, e tu, de olhar errante,
Não entendeste a voz de teu amante...

« Sobre a flôr, que alli vejo viçosa,
« Balançada no debil hastil,
« Que se encurva e se ostenta orgulhosa,
« Exhalando o perfume subtil,
« Uma imagem meus olhos procuram,
« Sombra ou cópia de um anjo-mulher;
« Pois meus olhos em tudo figuram
« Ver a fórma, que eu só quero ver.

« Sobre a vaga, que além se levanta,
« Alva e pura batendo no mar,
« Que nas ribas a força quebranta,
« Prata a espuma aos clarões do luar,
« Busco ver uma imagem formosa,
« Sombra ou cópia de um anjo-mulher,
« Meu olhar ou na onda ou na rosa
« Vê a fórma, que eu só quero ver.

« Sobre a nuvem, que passa fugindo
« Pela face azulada do céo,
« Que um caminho no ar vai abrindo,
« Mas que ao longe desfez-se e morreu,
« Creio ver uma candida imagem,
« Sombra ou cópia de um anjo-mulher,
« Pois da nuvem na tenue roupagem
« Vejo a fórma, que eu só quero ver.

« Sobre a estrella, que surge tranquilla
« D'entre as fimbrias do manto do céo,
« Que no sólio do Eterno se asyla,
« Fogo immenso, que o Eterno accendeu,
« Creio ver uma imagem querida,
« Sombra ou cópia de um anjo-mulher,
« Pois meus olhos na estrella perdida
« Vêm a fórma, que eu só quero ver.

« Tudo é sonho, é visão caprichosa,
« Que a meus olhos o encanto perdeu!
« Nada vejo ou na estrella ou na rosa,
« Ou na onda ou nas nuvens do céo;
« Ouço apenas no sopro da brisa,
« Que se agita, correndo do mar,
« Um suspiro, que passa e deslisa
« Como um som, que fallece ao passar.

« Geme, geme, suspiro plangente,
« Queixa triste, mas doce de ouvir;
« Mal se casa o sorriso contente
« Aos pezares de estranho sentir.
« Geme, geme, sonido queixoso,
« Nunca deixes de assim suspirar;
« Nestas vozes de tom lamentoso
« Sinto um gozo de agrado sem par!

« Mas, nem mesmo o suspiro perdura;
« Tudo é sonho, é mentida illusão!
« De minh'alma a querida ventura
« Foi mentira do meu coração.
« Sempre só no deserto da vida,
« Nada vejo, nem posso escutar,
« Nem a sombra da imagem querida,
« Nem o som desse teu suspirar! »

Engano; eu não te amei. Fiz mais; nas aras
Da pura adoração sagrei-te a prece,
Que as vozes infantis meigas e claras
Entoam ao Senhor Deos, que as agradece.
Tu não eras mulher, Clara mimosa,
Mas real anjo em fôrma vaporosa!

De outra vez me escutaste; era nas horas
Em que a tarde, dourando o monte e as aguas,
Erguia em torno a nós vozes sonoras,
Cheias de vivo encanto, adeus e magoas.
Dei-te um lindo myosotis; tu pediste
Que eu recitasse um canto antigo e triste

De teu album traçado em uma folha
Branca, fina, sedosa e delicada,
Que rasgaste a tremer como se esfolha
A flôr, que os dedos fere ao ser tocada.
Bemdisse o teu pudor! eu não devia
Fallar como fallei nesta poesia:

« Não; não duvides do amoroso affecto
« Que te hei votado, minha flôr querida.
« Se existe ar sobre a terra antes duvida,

« Mas, não do meu amor.

« Pódes não crer na melodia extreme
« Quando as vozes dos anjos se harmonisam,
« Que os prazeres a dôr não suavizam
« Pódes, pódes suppôr.

« Pódes crer que no mundo não ha vida,
« Nem luz no sol ou negridão na treva,
« Que o vento o fumo esparso aos céos não leva,
« Correndo na amplidão.

« Pódes crer que na planta ha sangue em veias,
« Que a pedra sente, que o crystal se agita,
« Que um corpo fixo para o chão gravita,
« Mas, que eu não te amo, não!

- « Porque, pois, me perguntas, se te adoro,
« Se a ti, sómente a ti, meu culto offereço?
« De um anjo o coração não reconheço
 « Em ti, mulher e flôr?
« Não te contei segredos, que guardava,
« Aos olhos não te abri minh'alma inteira,
« Não hei feito de ti a luz fagueira,
 « Meu Deos e meu amor?

« Não perguntes, oh não, se te amo ainda;
« Não duvides do amor, que te hei votado.
« Tu és o meu sonhar puro e sagrado,
 « Es o consolo meu.
« Se te imploro perdão, dás-me carinhos;
« Se te peço prazer, dás-me ventura;
« Convertes meu viver em fonte pura
 « De um goso, que é do céo.

« Hei de um dia esquecer-te, quando a morte
« Bafejar-me sorrindo esta existencia,
« E minh'alma, formosa e pura essencia,
 « Tiver 'voltado a Deos.
« Quando o corpo na terra abandonado
« Houver perdido a acção do sentimento,
« E d'este ser, perdido o pensamento,
 « Só fiquem restos meus.

« Inda assim mesmo, não. Hei de adorar-te

« Lá onde a voz é canto, e a vida amores;

« Onde se inhala o perfumar das flores,

« Da myrrha e do benjoim.

« Hei de evocar-te como a luz extrema

« Chama em leito de morte o agonisante;

« Hei de pedir-te, suspirosa amante,

« Que te lembres de mim.

« Que te lembres de mim! que não me esqueças

« Nos mentidos prazeres d'esta vida;

« Dos olhos teus que a lagrima cahida

« Vá meu leito orvalhar.

« Que te lembres de mim! que não me olvides

« No goso das venturas, no sorriso,

« Que transforma este mundo em paraíso,

« De amor ao despontar. »

Guardaste a flor no seio; e pensativa

Sahiste em lento passo caminhando

Por entre a moita de violetta esquiva,

Que allí estava medrosa se occultando:

Não te vi mais depois d'aquelle dia

Sem que ao beijar-te a mão achasse-a fria.

Engano; eu não te amei! Visão tu eras,
Orvalho tenue ao desfazer-se aos beijos
Do raio matinal, que sobre as heras,
Arbusto ou planta os calidos dardejos
Derrama, dando vida em quanto o orvalho
Perde-a desfeito d'arvore no galho.

Engano; eu não te amei! Eras a fada,
Invisivel, subtil, vivendo apenas
Como um producto aereo, sombra ou nada,
Espuma que se esvai, notas amenas,
Que a brisa entôa a perpassar ligeira
Por entre as crespas folhas da palmeira.

Engano; eu te amei muito! Em teus olhares
Sempre encontrei a luz, que me alentava!
Em teu riso doçura aos meus pezares,
Em tua voz o som, que me animava!
Mas, não me amaste, flôr, e não quizeste
Dar-me no mundo a vida, que perdeste.

Silencio, coração! Que mais desejas,
Sanguinea esponja, que te abrande a sede?
Diz-lhe a minha razão: prudente sejas;
Mas, elle, a esponja, um novo amor me pede!
Melhor caminho, musa, seguir deves.
Vamos; venham do riso as notas breves,

Longas, agudas, fusas ou colcheias,
Em fá maior, em ré bem sustentado,
De accents musicaes tumidas, cheias,
Sem bequadro final, sem só tremido.
Venha Offenbach; de Bellini a penna
Não iguala a do auctor da bella Helena.

De uma estatua mostrei-me apaixonado,
Eu, grego Phidias de casaca e luva!
Teve febre Wandycck e constipado
Ficou por um retrato; eu... pela chuva!
Se ao menos uma Dánae fagueira
Me recebesse em torre, e, lisongeira,

Cresse que o pai dos deuses vê-la ia,
Não convertido em fina chuva d'ouro,
Porém, d'agua molhado em chuva fria,
Chuva, que é dos cocheiros o thesouro!
Se ao menos a belleza enclausurada
Descesse alegre ao patamar da escada,

E me dissesse: vai; toma um charope
De cereja, alcaçuz e anacahuita;
Bebe-o como o bebia o grande Pope
Para tornar a voz doce e bonita!
Toma e volta curado, que eu te espero
N'este da torre calido desterro!

Nem do amigo de Rubens a loucura,
Nem da bella Danáe o estreito abraço!
Vejo-me só na minha alcova escura
A versejar, medindo-a em lento passo.
Na meza um livro aberto me convida
A ler de Cesar a guerreira vida.

Fique-se em paz o vencedor das Gallias,
Descanse entre Alexandre e o Corso altivo.
Pendem n'um vaso etrusco as minhas dhalias,
Flôres que eu mesmo educo, e eu só cultivo.
Como são lindas, que soberbas côres,
Que negativos, magicos odores!

Vou tiral-as d'alli; vou conduzil-as
Ao terraço onde o ar mais puro gira.
Do meu amor são ellas as pupillas,
Quasi filhas me são; mas de Cinyra
Não temo, não, que o vergonhoso incesto,
Contra o qual o pudor lavra um protesto,

Possa um dia ver Myrrha nestas flôres,
E um louro Adonis dellas mal nascido,
Tendo no rosto do pistillo as côres,
Por madeixas o estame duro e erguido.
Louca imaginação, que sonho é este,
Que nos meus versos mansamente ergueste!

Vai-se a tarde apagando e já começa
A noite vaga em sombras; no terraço
Bebo vida no ar; núa a cabeça,
Encostado ao gradil contemplo o espaço.
Vesper, fixa no céo, clarões derrama
Lindos como esperanças de quem ama!

Falle o cantor de Rolla, aquelle Alfredo
Tão delicado e meigo e peregrino,
Já do rimar na graça e no brinquedo,
Já no canto mimoso e diamantino.
Que lindos versos escreveu á estrella
Companheira da tarde, doce e bella!

« Pallida estrella, Vesper, mensageira
 « No longe céo perdida,
« Tu, cuja fronte surge em luz fagueira
« Das nuvens do poente esmorecida,
« Que contemplas na terra socegada
« Do azul dos paços teus, Vesper amada?
« Affasta-se a borrasca, e o vento acalma.
« A matta, que tremeu, lagrimas solta
« Do fraco arbusto sobre a inculta palma.
« Dourado insecto brinca e á pressa volta
 « Por entre os verdes prados
« De um aroma divino embalsamados.

« Que procuras, oh Vesper, sobre a terra,
« Que em somno immersa os langues olhos cerra?
« Já para os montes abaixar-te vejo,
« Foges sorrindo, amiga triste e bella,
« Teu retremulo olhar em vão desejo
« Prestes vai-se apagar, pallida estrella.

« Tu, que te inclinas sobre o curvo outeiro,
« Lagrima argentea do tristonho manto
« Da noite, que se envolve em mago encanto;
« Tu, a quem olha ao longe o pegureiro
« Quando ao alvergue volta e em lento passo
« Vai-lhe o rebanho atraz mugindo e andando;
« Estrella, que caminho vás trilhando
« Da noite em meio nesse immenso espaço?

« Sobre as margens de um rio ou de algum lago
« Procuras nos canniços frio leito,
« Que te conceda ao menos doce affago,
« Beijo de amante ou um abraço estreito?
« Onde vás tão sózinha a estas horas
« Cahir das aguas no profundo seio,
« Como limpida per'la posta em meio
« Do mar, que agita as ondas tão sonoras?

« Se acaso morrer deves, astro amigo;
« Se tua loura fronte fôr no oceano
« Mergulhar para sempre os seus cabellos,
« Antes de nos deixar no desengano
« De um mundo, que nos dá fallaz abrigo,
« Um só instante pára em teus anhelos
« Do amor estrella, e, lá nos céos librada,
« Nunca desças do céo, Vesper amada! »

E's como a estrella, Clara; brilhas pura
No céo do amor paterno entre harmonias,
Resguardando em teus olhos a candura,
Que é mimo e paz; nos risos que sorrias
Tinhas de Vesper o fulgir tristonho,
Debil sombra espalhada em ledô sonho!

Pera longe se vai minha lembrança,
Rompe a distancia, vóa e emfim repousa
Lá onde vive uma gentil criança,
Embalada no berço de alva rosa.
Minha filha não é, mas em meu peito
Domina como dona o extremo affecto,

Que se consagra inteiro á innocencia,
A' belleza infantil dessa menina,
Que de longe me chama e á minha ausencia
Desse talvez a lagrima divina
Corrida de seus olhos lentamente
Como orvalho de flôr branca e nitente.

Mimosa encarnação de ameno riso,
Perola cheia de luz, porque] vieste
Mudar uma existencia em paraíso,
Dar seiva a um triste e morbido cypreste?
Porque, mimosa minha, á terra ingrata
Baixaste um dia, tímida insensata?

Respondeu-me a criança:—O meu destino
Quiz Deos que fosse aqui fausto e risonho,
Tendo por guia um candido menino,
Por voz um canto, por vigilia um sonho.
A's dôres de meu pai sou lenitivo,
No collo maternal tranquillo vivo!

Não te affastes de nós! Se algum desejo
Tiveres de voltar aos céos um dia,
Pede que vamos antes em cortejo
Abrindo-te o caminho á voz sombria
Das afflicções na morte, no martyrio
Dos que se estorcem n'ancia do delirio.

Não mais, musa, não mais; encolhe as azas,
Recolhe-te sózinha á alcova escura;
Em teu capricho os risos não engrazas
No final deste canto, que em tristura
Termina e se conclue, adeus dizendo
Quasi do antigo humor o tom perdendo.

E' noite; calça as luvas côr de havana,
Põe na gravata o limpido alfinete,
Veste a seria casaca sempre urbana,
Faze n'arte esmerada o teu *toilette*.
Não te lembres dos classicos agora,
Commette um gallicismo em voz sonora,

Sahe, procura um salão, conversa e dança,
Ouve cantar, applaude, joga e fuma;
E' assim que se vive e se descansa
Dos trabalhos do dia: Vai, perfuma
O lenço de verbena, extracto amigo
De mim, de Clara e do bom rei Rodrigo.